

A APRENDIZAGEM DE INA VON BINZER

Elaine Dorough Jonhson
(University of Wisconsin-Whitewater, EUA)

Ainda que *Os meus romanos: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil, de Ina Von Binzer*⁴⁶, tenha sido considerado uma narrativa de viagem, tem características do *bildungsroman*, ou romance de desenvolvimento, também. As narrativas de viagem (escritas por mulheres) são dirigidas a um público impreciso - "a posteridade," o público geral, a descendência - quando as mais de quarenta cartas que compõem *OMR* foram escritas para uma pessoa só, Grete, amiga íntima que deixou na Alemanha. Não se sabe muito da história deste pequeno livro. O leitor tem que adivinhar como e quando as cartas foram compiladas, editadas e publicadas. São um tesouro de informação sobre o que Ina (que usa o pseudônimo Ulla von Eck) viu durante sua estada no Brasil, e - a julgar pelos comentários de leitores familiarizados com o período da história brasileira que se retrata na obra, as descrições de detalhes da vida no Brasil são muito exatas. Mas não me interessa examinar este registro do Brasil do século XIX para comentar se é verídico ou não. Interessante, sim, examinar a narradora mesma - o *eu* que nós, os leitores, chegamos a conhecer enquanto ela revela suas alegrias, suas frustrações, sua dor, seu assombro, seu desgosto - uma complexa agregação de emoções - à querida amiga que deixou na Alemanha. Até no breve período coberto pela correspondência de Von Binzer - aproximadamente um ano e meio - este *eu* experimenta um amadurecimento notável,- processo que se revela no tom e conteúdo da

⁴⁶VON BINZER, Ina. *Os meus romanos: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 1980.

narração. Apesar de ter ido ao Brasil para ensinar, ela também se faz aprendiz na escola da realidade brasileira.

Muito pouco se sabe das circunstâncias que levaram Von Binzer ao Brasil. Uma nota na introdução nos informa que sua mãe tinha falecido um ano antes que se iniciasse um período de peregrinação que a levou finalmente ao Brasil. Apesar de não podermos saber muito das suas próprias circunstâncias particulares, um exame da história alemã dessa época revela que, apesar do magistério ser a profissão mais popular para as mulheres, as oportunidades de emprego eram limitadas. Um historiador escreveu que as possibilidades e o salário eram tão restritos na década de 1870 que a metade dos professores diplomados procurou emprego no estrangeiro.⁴⁷ É forçoso se perguntar que circunstâncias terão impelido esta jovem de escassos vinte anos a se lançar tão ousadamente ao mundo exótico e desconhecido do Brasil nos primeiros anos da década de 1880.

A trajetória circular da jornada espiritual-profissional de Ina apóia a interpretação da sua coleção de cartas como uma "narrativa de aprendizagem." Ela começa sua carreira de educadora em solo estrangeiro com um trabalho de preceptora numa fazenda de café. Depois de uma crise da sua saúde na qual se entrega a uma dor de dentes, ela tem que escapar para Petrópolis para passar umas semanas antes de procurar novo emprego no Rio. Quando seu trabalho num pequeno colégio fica intolerável, ela consegue - com a ajuda do cônsul alemão - encontrar emprego com uma família em São Paulo. Depois de um período lá, no justo momento em que finalmente está se acostumando à vida no Brasil, seu trabalho se evapora: todas as crianças, à exceção de uma, serão enviadas para estudar num colégio de padres e ela terá de tentar a sorte de novo como preceptora numa fazenda.

⁴⁷ALBISETTI, James C. "Women and the Professions in Imperial Germany" In *German Women in the 18th and 19th Centuries*, org. por Ruth-Ellen B. Joeres & Mary Jo Maynes. Bloomington: IUP, 1985. p. 96.

Imagine, Grete: de um céu sem nuvens, caiu-me um raio sobre a cabeça! Devo ir-me embora de São Paulo! Essa é a vingança do destino, contra minha fuga do colégio! Irei de novo para uma fazenda, de novo ficarei sozinha, morando entre cobras e pretos! (p. 92)

Desta vez não é uma fazenda de café do Rio, mas uma fazenda de açúcar no estado de São Paulo que se faz sua morada nova, e onde finalmente parece fazer as pazes com o Brasil. É irônico, talvez, que esta viajante tão européia, esta jovem alemã que se encontra constantemente, compulsivamente obrigada a procurar a companhia de outros europeus, volte às profundidades da natureza, ao Brasil exótico de feras e escravos africanos, para sentir-se realmente em casa.

Como é de se esperar, quando Ina chega ao Brasil da Alemanha, faz comparações constantes entre o país de origem e o novo - hábitos sociais, paisagens, roupas, comidas, práticas acadêmicas - e está muito consciente de que está vendo a si mesma e aos outros pelo próprio filtro alemão. Durante as primeiras semanas de moradia no Brasil, quase morre de fome por não tolerar boa parte da comida brasileira. Numa das suas primeiras cartas, ela confessa que fez um pequeno escândalo num almoço porque a comida que lhe ofereciam não estava de acordo com seu critério teutônico: "No primeiro dia, quando ao meu paladar europeu ofereceram esse petisco, recusei indignada e pedi um pouco de pão com manteiga" (p. 25). Ela se sente traumatizada pela fauna local, e acha pouco merecedoras as florestas brasileiras de serem classificadas como tal. Contudo, ao final da sua estada, ela se encontra montando a cavalo sobre o terreno selvagem, bebendo chá de alface, colecionando bichos e cobras e até abraçando uma melancia enquanto ela vai solavancando por um caminho rústico que a leva da estação do trem à fazenda onde ela mora agora.

Neste estudo da aprendizagem e transformação de Ina Von Binzer, do indivíduo rígido, preconceituoso e nervoso que começou sua carreira de educadora na fazenda São Francisco, na pessoa mais alegre, mais reflexiva, mais adaptada que se encontra trabalhando como

preceptora na fazenda São Sebastião muitos meses depois, focalizo três aspectos da vida de Ina Von Binzer: seu desenvolvimento e transformação como professora, seu amadurecimento relativo ao ambiente social e natural, e a evolução da sua atitude para com vários indivíduos que conhece - brasileiros brancos, estrangeiros brancos e pessoas de origem africana.

Ina chegou ao Brasil bem preparada para seu trabalho de preceptora e professora, trazendo consigo uma espécie de manual sobre a disciplina dos estudantes e a administração da aula, o qual ela designa "as quarenta cartas pedagógicas do Bormann." No início, ela tenta seguir seus conselhos da maneira mais rigorosa, por exemplo, obrigando os estudantes a chegarem sempre na hora para suas lições (p. 21). Depois, ela descobre que este programa é contraproducente, e já que cria mais problemas do que resolve, ela lamenta tê-lo imposto. Várias vezes depois de deixar de lado os conselhos do pedagogo alemão, ela sente a tentação de sacudir-lhe a poeira e tentar implementá-lo de novo com seus estudantes - apesar da sua avaliação da situação lhe dizer que não vai funcionar. Numa ocasião, quando achava que estava perdendo controle dos estudantes, ela recorreu ao uso de um dos exercícios de Bormann - o qual, para o assombro dela, foi interpretado pelos estudantes como uma brincadeira:

Imagine isto: outro dia, ao entrar na classe, achei-a muito irrequieta e barulhenta e na minha confusão recorri ao Bormann. Quando obtive silêncio para poder ser ouvida, ordenei: "Levantar, sentar", cinco vezes seguidas, o que no nosso país nunca deixa de ser considerado vergonhoso para uma classe. Mas, aqui, - oh! Santa Simplicitas! - quando cheguei a fazer-lhes compreender o que delas esperava, as crianças estavam tão longe de imaginar que aquilo representasse um castigo, que julgaram tratar-se de uma boa brincadeira ... (p. 65)

Ela conclui depois desta experiência que, apesar de algum tipo de pedagogia ser indispensável aqui, precisa ser alguma coisa criada

por brasileiros e para o contexto brasileiro. E acima de tudo, as crianças brasileiras não devem ser instruídas por alemães: “é trabalho perdido, pois o enxerto de planta estrangeira que se faz à juventude daqui, não pegará.” (p. 5) Na hora de se encontrar dando aula às crianças na fazenda São Sebastião, parece que já deixou de pensar no Bormann; de certo, não faz mais menção a ele nem a sua pedagogia. Em vez de tentar impor uma pedagogia alheia, ela trabalha para desenvolver uma relação amigável com seus estudantes. Até parece ter aceitado o fato das suas aulas de alemão não terem muito sucesso nessas circunstâncias; tem mais esperança com o ensino do inglês. Por exemplo, ela escreve, “Trabalhamos perfeitamente em conjunto e estou interessando Maricota mais pelo inglês, para o qual demonstra maior facilidade do que para o alemão (p. 96).

Durante os muitos meses da sua moradia no Brasil, Ina Von Binzer se envolve em festividades ocasionadas por feriados como São João, Carnaval, e Natal. Apesar de no início se assustar e sentir saudades do tipo de feriado pacífico e moderado que ela imagina que os compatriotas desfrutam na Alemanha, com o passar do tempo, ela começa a compreender o jeito brasileiro de fazer as coisas, e não só é menos desorientada pelo que ela vê, mas se envolve no folguedo local. Ina experimenta a festa de São João pela primeira vez durante sua moradia na fazenda de café, onde parece ser principalmente uma celebração de colheita para os escravos. O fato de ela poder associar as fogueiras com sua lembrança das fogueiras de Páscoa na Alemanha impede que seja uma experiência totalmente alheia para ela, ainda que seu ouvido de música interprete o que ouve como uma cacofonia total (“música ensurdecadora,” “pancadas monótonas,” “o mais desarmonioso dos sons,” “uma cantiga insípida.” (p. 33)). Apesar de ficar encantada com as luzes e as cores dos fogos de artifício e hipnotizada com a graça e ousadia de uma mulata que caminha descalça sobre brasas ardentes, sentir o frio desta noite, a noite mais fria do ano, lhe dá inveja do conforto que Grete estará desfrutando em casa na Alemanha, e tem saudades de ver uma lareira (p. 34). Quem

teria acreditado. “aquí no Brasil viria a sentir o maior frio da minha vida?” (p. 34) Seu desconforto geral se faz ainda mais intenso com uma implacável dor de dentes.

Muitos meses depois, quando está a caminho da extração de um siso, Ina tem seu primeiro encontro com o Carnaval e o costume brasileiro de atirar limões (balões de cera cheios de água perfumada) nos transeuntes. Sem compreender por que está sendo atacada, e já se sentindo desorientada e quase histérica com a dor de dente, espuma de raiva aos atacantes, o que só serve para atrair mais projéteis. O dentista tenta animá-la, explicando o motivo do ataque, mas ela não se deixa consolar. Não quer se acalmar nem se apaziguar, e quando o dentista sugere que se pode adiar a extração, ela declara que tem que descarregar sua raiva em qualquer coisa e será em si mesma. “Arranque. Arranque!” ela lhe grita (p. 69). Quando volta ao trabalho, conta aos estudantes o que aconteceu - má idéia, porque eles aproveitaram a sugestão e começaram a brincar loucamente, bombardeando-se com projéteis de água. Pelo menos o desfile de Carnaval está livre de projéteis, mas seu prazer é estragado por um espectador que conta para ela histórias de doenças horríveis que têm sofrido vários estrangeiros durante a festa de Carnaval. Tanto o calor excessivo, quanto o avanço da epidemia de febre amarela, fazem com que esta época seja muito desconfortável e até horrorosa para a jovem educadora alemã.

O próximo junho, a celebração de São João (a qual experimenta em São Paulo) é muito melhor para ela do que o São João anterior ou Carnaval. Ainda que se explodam tantos fogos de artifício que o pequeno gabinete não ventilado onde dorme se encha de fumaça e quase não se veja nada para escrever, ela se dirige ao evento jocosamente e com um bom senso de humor. Ela aprecia o divertimento dos outros e até é capaz de ver os detalhes cômicos ao seu redor: “A cena observada a sangue frio apresentava um aspecto infinitamente cômico: tôdas aquelas beldades, com vestidos de diversas côres, cobertas de jóias de ouro e empunhando os canudos fumarentos, com o rosto virado e os

olhos apertados . . . divertia-se na fumarada dos fogos” (p. 92). Quando chuvas de fogo e fragmentos de um foguete se chocam contra as janelas da casa, ela sufoca sua indignação e reflete, “seremos nós disciplinados demais?” (p. 91). Com os meninos brincando loucamente, atirando fogos pelas janelas, correndo pela sala com canudos esfumaçados, ela pensa momentaneamente no professor Bormann e como ele estaria sem recursos ante uma cena como esta.

O primeiro Natal que Ina passa no Brasil é uma decepção total. Está no Rio, com muitas saudades da Alemanha, e observa que ninguém dá a atenção ao dia que este merece. Não encontra árvores de Natal, somente palmeiras, calor esgotante, o barulho intolerável dos vendedores que gritam, dos carros que passam, dos foguetes que explodem, e dos sons estridentes que escapam de realejos, pianos e violões; é um barulho ensurdecedor que se prolonga indefinidamente pelas ruas estreitas. Uma família alemã, os Kleins, a trata tão friamente que ela decide não voltar mais a sua casa, e sua dor e estado nervoso levam o seu médico a recomendar um período de descanso em Petrópolis. O fato de ser convidada para jantar com os Carsons, casal inglês, e donos do hotel onde está hospedada, que “preeberam como é triste esse dia para um solitário coração alemão,” é o que a possibilita sobreviver à época de festas. Quando chega o segundo Natal, o qual passa em São Paulo, vemos Ina num estado de ânimo muito melhor. Parece ter feito as pazes com o Brasil, parece tê-lo aceito, parece ter chegado a um acordo com o país e suas idiossincrasias. Não é Alemanha, não é terra de dezembros frios e árvores de Natal; de fato, o Natal não é uma das festas principais aqui. Não é a pátria dela, mas ela tem a sua própria beleza:

Ach Grete, - quanto é mais bela uma praça em Berlim, alva, coberta de neve, com suas longas filas de pinheiros, do que este jardim tropical inundado de sol, com suas rosas e palmeiras! . . .

Realmente estou sendo ingrata, pois são todos tão gentis comigo e o país é lindo como um conto de fadas . . . (p. 128)

Desde as primeiras cartas que Ina escreve documentando suas reações iniciais ao Brasil até as que escreve no final de sua moradia no país, o leitor pode discernir uma mudança significativa na sua atitude para com o mundo natural circundante - as plantas, os animais, até os insetos. Onde quer que ela vá, encontra vegetação formosa, luxuriante, aromática: "palmeiras, bananeiras, laranjeiras, caneleiras, amendoceiras espalham por tôda parte seus perfumes e as romãs brilham entre sua leve folhagem" (p. 29). Mas tudo lhe parece tão estranho, tão exótico, e o efeito total é intensa alienação: "sabe qual minha impressão mais persistente? a do estranho, do exótico, sim de um estranho absoluto" (p. 29).

Tudo lhe é muito sedutor, "este feitiço do sul," mas o sentido de estranheza é grande demais: "Não posso me entreter com essas plantas primorosas, não as reconheço, nem elas a mim" (p. 29). Depois de passar mais de um ano no Brasil, ela é capaz de rir de si mesma e da sua noção estreita do que era uma floresta. Depois de descrever uma viagem por um segmento de mata virgem entre São Paulo e São Sebastião e as diferenças entre esta e as florestas coníferas de Holstein e Westfália, ela se lembra da reação que causou num estudante quando declarou que não havia florestas no Brasil, até onde ela podia discernir, e que deveria saber reconhecer uma floresta visto que era filha de um administrador florestal: "não tinha visto ainda no Brasil uma floresta digna desse nome, não se podendo levar em consideração esses troncos compridos e esguios das mais variadas espécies de madeira, misturadas umas com as outras, sem nenhuma simetria" (p. 96). Só vendo a floresta brasileira de perto, atravessando-a a cavalo ou de carro, pode uma pessoa apreciar plenamente suas características e sua razão de ser. Só então compreende-se em que consiste a mata virgem e a razão pela qual os troncos não se desenvolvem formando largas circunferências: é que por toda a parte estende-se uma vegetação rasteira tão densa que quando se pretende ir além, isso só pode ser feito passo a passo e de machado na mão.

Com a exceção de alguns patos e colibris, os quais pode admirar de uma distância segura, durante seus primeiros meses no Brasil, Ina manifesta uma forte antipatia com a fauna local. Os papagaios da casa da fazenda de São Paulo que gritam e grunhem todo o dia sem descanso a tornam louca, fazendo-se para ela seus "inimigos mais íntimos" (p. 20). Ela se horroriza ao ver uma cobra debaixo de sua janela, e a campanha para afugentar os camundongos da despensa ao lado do piano onde está dando aula é demais para seus nervos (p. 47). Durante sua moradia em Petrópolis consegue acostumar-se a ter formigas no bolo que come, e - de fato - comenta com sua amiga Grete sobre sua aculturação neste aspecto de sua vida: "já me acho tão abasileirada que, indiferente, livreí meu pedaço das formigas restantes e muito sossegada comi o resto do bolo, acompanhando a segunda chícara de café" (p. 56). Sua adaptação às baratas, contudo, não é tão rápida. No Rio reclama de sua presença repulsiva na casa onde ela mora: "sofremos horrivelmente por causa das baratas, inseto escuro e repugnante, de cheiro pestilento, parecido com o nosso besouro de maio" (p. 66). À noite, encontra o solo cheio de baratas, e as ataca usando como arma um sapato. Algumas tinham sido tão atrevidas que comeram a capa duma edição de Goethe que tinha trazido consigo. Apesar de ter outros bichos indesejáveis ao seu redor ("Não falo dos mosquitos, das moscas, das formigas, das lagartixas, nem do resto da bicharada ..." p. 66), são as baratas que ganham sua aversão mais completa.

Depois de um ano no Brasil, Ina não só não está fugindo horrorizada da fauna local, como já é conhecida como "a professora que gosta de bichos feios" (p. 107) por sua coleção de insetos, uma tartaruga, uma pele de macaco e até uma cobra. Durante sua estada numa casa de praia em Santos tem que batalhar com vespas, aranhas, formigas, baratas e lagartixas, mas faz tudo com bom humor e sem medo ou asco. Ela descreve a casa como "imensamente poética," "um puro idílio" (p. 108), se estende para espantar uma vespa, e sem hesitar, exclama que acaba de ver sua quinta aranha gigantesca.

Baratas começam a atacar sua pasta de escrever, formigas invadem a mesa onde trabalha, e segue escrevendo tranqüilamente, sem piscar. O recentemente descoberto senso de humor parece estalar da página onde descreve suas estratégias para iludir os bichos invasores. À noite, para combater as formigas, coloca os pés da cama dentro de latas com água, forçando-as a “limitar seus ataques contra mim, reduzindo-os apenas aos que conseguem realizá -los do teto” (p. 110). Tendo a cama no meio do quarto para evitar contato com a parede onde congregam as baratas, por falta de parede lateral, ela cai adormecida no chão. Mas não só não lamenta o incidente, como ela escreve alegremente que matou umas baratas com a queda. Uma noite, enquanto lança os chinelos em um bando de baratas que voam para ela, desfruta do momento “da maior diversão.” Comenta que se fez “expert” neste esporte na sua juventude, e aliás, como alemã, se sente especialmente preparada para este desafio: “em matéria de matança de baratas estou formada desde o colégio. Aliás o dístico de nossa bandeira é : vida simples dentro da natureza” (p. 110). Ina conclui sua carta, “Ach, Grete! estou tão contente! O Brasil é lindo, de verdade!” (p. 111). Esta, obviamente, não é a mesma mulher assustada, exausta e doente que, muitos meses atrás, já estava pronta para abandonar a experiência brasileira e voltar ao conforto da Europa.

A atitude de Ina para com os brasileiros, os seus costumes e seu estilo de vida sofre uma evolução notável durante os muitos meses da sua moradia na América do Sul. Nas cartas que ela escreve desde a fazenda de São Francisco, o primeiro lugar de residência, ela mostra certa intolerância e até arrogância. Admite ter chegado ao Brasil com uma visão da vida nos trópicos bastante irreal, uma visão de ócio e grande elegância:

Lembra-se quando decidimos entre nós duas, como um fato indiscutível, que os brasileiros não se ocupavam senão em apurar a sua elegância ou em fumar?

Suas damas, envoltas em vaporosos vestidos, embalavam-se nas redes fazendo-se abanar por interessantes negrinhos vestidos de vermelho e branco... (p. 19)

Madame Rameiro se deita às vezes numa rede, mas sem ficar nela por muito tempo, porque para fazer cumprir os trabalhos da casa, tem que estar de pé e animando os escravos com seus gritos. Convidada para almoçar em uma fazenda vizinha, Ina observa vários hábitos que são estranhos para ela - jovem alemã inexperiente - e que a fazem sair do lugar com tanta fome como quando chegou:

Essa maneira de comer, já por si horrivelmente enervante, mais os papeluchos ciciantes, o estalar enérgico das bandeirolas, a rumorosa conversa, cheia de gestos, dos brasileiros, a correria dos pretos, tudo agia de forma alucinante sobre meus nervos alemães, abalados pela claridade ofuscante das salas sem cortinas, de modo que olhava envergonhada para a expressão indiferente das outras senhoras, que . . . nem se incomodavam com tanto barulho. (p. 24)

Um recital depois do almoço por uma pianista brasileira, que toca corretamente mas sem inspiração, motiva uma secreta troca de olhares debochados entre Ina e outro convidado europeu durante a execução e depois, uma conversa - em francês - de tom esnobe. Apesar de seguir procurando a companhia de europeus e outros indivíduos não brasileiros, eventualmente aprende a reconhecer certo valor no modo brasileiro de fazer as coisas. Por exemplo, sua capacidade de viver no meio da desordem sem se transtornar é desejável e deve ser imitada, na opinião de Ina (p. 60). Ina sente bastante respeito e carinho pela última família para a qual trabalha, mas não sem sugerir que eles são especiais, não como os demais brasileiros. São mais europeus e menos "pesadões e indolentes" que a maioria de seus compatriotas, segundo ela. Ina chega até um ponto na sua experiência brasileira quando já não tem que depender dos alemães locais para fazer-lhe companhia. Na

verdade, seu encontro com um alemão muito tolo, um naturalista que veio à fazenda estudar borboletas e plantas do local e que pensa erradamente que são canibais os escravos que saem para ajudá-lo e dizer-lhe que é perigoso entrar no brejo é impactante (p. 49). Já não é a mesma mulher que escreveu numa carta prévia, num momento de saudade intensa, "Sinto-me desamparada e afastada do mundo. Se ao menos pudesse ver um ser alemão!" (p. 47). Outros alemães que conhece também lhe dão uma impressão pouco favorável. Os Goldsmiths parecem pretensiosos e enfadonhos, e Miss Dalhmann é fria e pouco comunicativa. Mesmo enquanto não deixa de reconhecer sua condição de estrangeira e de gostar da companhia de outros europeus - alguns da França, outros da Inglaterra - também desenvolve uma verdadeira estima para os colonizadores americanos, exilados da vencida Confederação do Sul, que se estabeleceram nos arredores de Santa Bárbara. À medida que se liberta da sua visão germano-cêntrica do mundo, a comunidade anglófona parece assumir o papel de mediador entre ela e seu novo ambiente. Profundamente comovedora para ela é a experiência de um serviço protestante numa igreja primitiva enterrada na mata selvagem a que ela assiste, ao convite dos colonizadores confederados que adotaram o Brasil como sua nova pátria:

Para nós, gente civilizada, era profundamente emocionante escutar as palavras da Bíblia que nos acostumáramos a associar às aulas de catecismo e aos lugares santificados de nossas igrejas, evocando-as inconscientemente dentro daquele ambiente, repetidas aqui, nessa cabana de barro, neste cenário tropical tão despido de exterioridades e de ornamentações sacras. (p. 105)

Seu apego por uma melancia que compra numa viagem a Santa Bárbara e que, somente com grande esforço e a ajuda do amigo inglês, Mr. Hall, consegue levar para casa, é comicamente simbólica do laço que estabelece com o Brasil através da mediação da comunidade norte-americana daquela cidade.

A evolução da atitude de Ina para com a comunidade afro-brasileira é especialmente impressionante. Apesar de manifestar desde o começo da sua correspondência certa preocupação com as condições de vida dos escravos, ela os vê através de olhos europeus racistas. Eles são, quando melhor, uma curiosidade "o outro," com "o narigão chato"; quando pior, são sujos e têm qualidades simiescas. De um menino de doze anos sentado numa árvore observando-a tranqüilamente (talvez tentando determinar que tipo de bicho raro era ela), Ina diz:

Imagine: aparentava mais ou menos 12 anos, parecendo mais macaco do que gente, abrindo um sorriso até as orelhas, a carapinha repugnante, um dedo de testa, a barriga terrivelmente gorda, pernas como paus pretos recobertos de côr lilás, de tanto pó. (p. 22)

Por todas as cartas ela demonstra uma crescente sensibilidade às questões complexas ao redor da emancipação dos escravos, que foi iminente. Como poderiam manter-se economicamente, ela ponderava, e como poderiam os fazendeiros encontrar trabalhadores para substituí-los quando terminasse a escravidão? Mas só numa das últimas cartas ela narra uma experiência que vai transformar para sempre sua atitude para com os escravos.

Do mesmo modo que a personagem de Clarice (em "A Bela e a Fera") nunca mais seria a mesma pessoa depois de seu encontro com o triste mendigo na mula, as conversas de Ina com Inácio, leproso banido à periferia da fazenda, deixam uma impressão permanente na sua psique: "desde então o leproso assumiu papel preponderante na minha vida interior" (p. 117). Depois da morte de Inácio, ela se sente horrorizada com sua própria indiferença ao sofrimento deste homem e acredita que deve este encontro à Providência. Já não um simples escravo para Ina, Inácio se fez professor dela - um dos mais efetivos - na sua viagem para compreender ela mesma e a nova terra que se tinha feito sua casa. Ainda que Ina Von Binzer voltasse eventualmente à Alemanha, não seria a mesma pessoa que tinha saído. Seu apreadizado teria dado fruto.